

Música dos monges

Brasilienses são atraídos pelo canto gregoriano no mosteiro de São Bento

Os tempos pós-modernos, onde os séculos se sintetizam no presente, permitem não apenas o convívio de dinossauros com a mais alta tecnologia, como também fazem emergir inúmeras tradições, que aparentemente esquecidas passam a conquistar espaço na contemporaneidade. Entre outras, o canto gregoriano, germinado em Brasília em 1987, com a instalação do Mosteiro de São Bento, na época, nada mais do que um barraco que alojava os monges. De lá para cá, uma propaganda boca a boca foi tomando corpo, até fazer surgir uma inovação, coordenada pelo abade presidente da Congregação Beneditina no Brasil, dom Basílio Penido: um coro gregoriano “mambembe”.

Quem associa a repercussão do canto gregoriano praticado na cidade aos ex-ministros da Economia, Marcílio Marques Moreira, e da Justiça, Célio Borja, frequentadores do Mosteiro de São Bento, está redondamente enganado. A preferência do presidente da República em exercício, Itamar Franco, também não é a responsável pela propagação do canto gregoriano em Brasília. A atração deles apenas coincide com a de muitos brasilienses e com a de Juscelino Kubitschek, que desejou ver o Mosteiro de São Bento instalado na Capital Federal.

Por falta de condições os monges não ocuparam de imediato o terreno oferecido por JK. Com o tempo perderam o direito à



doação feita no início de Brasília, na gestão do prefeito Israel Pinheiro. Mas, em 1987, durante o governo de José Aparecido, o terreno foi adquirido pela congregação. Soaram, então, as melodias gregorianas que originaram o atual coro “mambembe”.

Popular — Os primeiros frequentadores do Mosteiro de São Bento — que fica na QI 29 do Lago Sul, na mesma entrada da Ermida de Dom Bosco — a se dedicar ao exercício do canto gregoriano na cidade foram os *oblato*s — Ordem Terceira Beneditina, formada por leigos. Hoje, uma média de 150 a 200 pessoas comparecem à missa das 10h30, rezada aos domingos no mosteiro, para entoar, junto aos monges, o gregoriano, formando um coro.

Dom Basílio lembra que, tradicionalmente, os monges se encarregam do gregoriano. “Há coros de monges ou de monjas. Mas, o nosso é um gregoriano popular. O povo canta, independente de sua afinação musical. O que importa é a oração”.

O abade aprecia a beleza do coro gregoriano do Mosteiro de Olinda (PE). Contudo, não tem a intenção de fazer algo similar na cidade, “espetáculos, teatro”, mas sim reunir os fiéis em torno da oração. Ele atribui a atração que o canto gregoriano vem exercendo sobre a comunidade ao fato de este tipo de música possuir uma capacidade de expressar o mais alto espírito religioso.

Este canto, uma contribuição do Ocidente, figura, lado a lado com os ícones gregos e bizantinos, contribuição do Oriente, conforme explica dom Basílio, como uma forma de arte particularmente recomendada pela Igreja. Aliás, a decoração do mosteiro é toda baseada nos ícones orientais.

Mistura — O canto gregoriano, cujo nome é uma homenagem ao papa São Gregório I, ou Gregório Magno, Papa do século

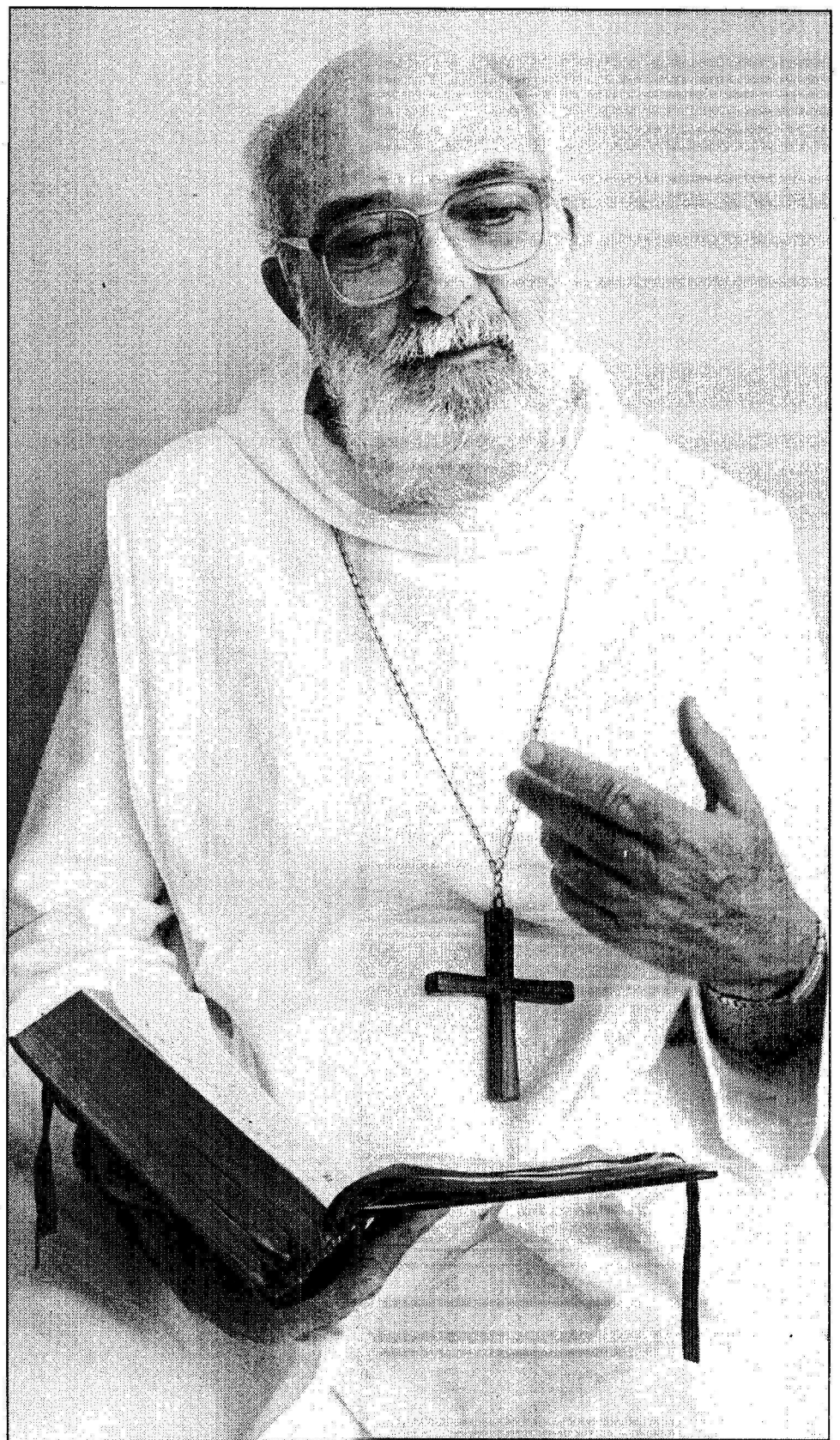
VII, um dos mais respeitados doutores da Igreja, foi criado para exprimir sentimento religioso. Por isso, em um tempo em que os ouvidos estão mais acostumados à música polifônica e até mesmo à atonal, o canto gregoriano, simples, mantém a capacidade de continuar fascinando cantores e ouvintes.

O abade, contudo, não é rígido. Respeita o universo cultural dos fiéis. Como exemplo explica que para um carioca é mais fácil louvar a Deus com um ritmo mais próximo do samba do que com um canto gregoriano, ainda que pessoalmente ele prefira a tradição.

Também assinala que cantochão não é sinônimo de canto gregoriano, já que o primeiro apresenta respostas primárias e o segundo é altamente sofisticado, ainda que a inspiração seja a mesma. Ele diz que hoje monges e monjas, separadamente, formam coros gregorianos em diversas partes do mundo. Não existe mais a restrição para a prática deste canto pelas mulheres.

Na missa da véspera de Natal houve acompanhamento de órgão para disfarçar qualquer desafinação do coro “mambembe”. Amanhã, outra missa comemorativa preencherá com canto gregoriano a nova capela do Mosteiro de São Bento. É que dom Basílio, de 78 anos e meio, completou recentemente, 50 anos de sacerdócio. Um religioso que considera importante a modernização da Igreja, explicando porém que a modernização não surge sozinha. “Ela acontece a partir de uma volta às fontes, sendo que os Beneditinos, a ordem mais antiga e tradicional do Ocidente, está mais perto das fontes”.

■ Mônica Silva da Silveira



Dom Basílio Penido diz que o gregoriano expressa o mais alto espírito religioso